

Alguns aspectos do humor judaico

Some aspects of Jewish humour

Jacó Guinsburg*

Resumo: O folclore humorístico judaico é talvez um dos mais ricos que existem. Este artigo trata de expor sua configuração desde a épica bíblica até a contemporaneidade, a partir de uma perspectiva panorâmica. Este texto busca, assim, refletir sobre a manifestação desse humor no riso popular, nas saborosas histórias e no anedotário da tradição judaica.

Palavras-chave: Literatura. Humor. Judaísmo.

Abstract: The Jewish humorous folklore is maybe one of the richest ones. This article exposes its configuration since the bible epic until the contemporaneity, from an overview perspective. Therefore, this text aims for a reflection about the manifestation of this humour in the popular laughter, in the tasteful stories and in the set of anecdotes of the jewish tradition.

Keywords: Literature. Humor. Judaism.

Rir faz bem; os médicos mandam rir.

Sholem Aleikhem.

O folclore humorístico dos judeus é talvez dos mais ricos que existem. Fruto típico de uma história cheia de vicissitudes, em que se sucederam as altas tensões dos momentos críticos e as cargas menos poderosas, porém mais contínuas, da marginalidade social e individual, este humor começa a manifestar alguns de seus traços peculiares, sobretudo, a partir da literatura talmúdica.

A épica bíblica certamente possui a sua forma de humor da qual restam vestígios no Velho Testamento. A polêmica dos Profetas, em seu protesto social, moral e religioso, recorre à sátira e à ironia, investindo contra os tipos clássicos da injustiça e da perversão: o avaro, o estroina, o opressor, o hipócrita, a infiel, etc.. Mas trata-se da expressão de elementos normais no quadro normal dos conflitos e processos da vida de um povo na sociedade antiga.

Algo diverso surge com o desmoronamento das bases territoriais e políticas dos judeus na Palestina: estes persistem então como minoria distinta em ambientes estranhos. Aí, no complexo jogo de suas relações com a maioria, o fenômeno da autoconsciência adquire formas e meios culturais sutilíssimos. A sensação de pertencer a algo distinto, não integrado nos padrões dominantes da atmosfera circundante, encontra no humor um instrumento de auto-afirmação e uma medida de especificidade.

Sob esse ângulo, configura-se, sobretudo, o riso popular, o que nasceu nas ruas dos guetos e das cidadezinhas, onde os judeus se identificavam com um todo e, por isso mesmo, ao lado da zombaria de suas próprias desgraças e defeitos, engendravam as histórias saborosas, mas edificantes, do anedotário midráschico e hassídico, do fabulário medieval, bem como o humorismo reabilitador que transformava o homem, político e socialmente oprimido, em herói da inteligência, do engenho e da sagacidade. É também dessa fonte que brota o sorriso melancólico, condescendente e conformado do velho filósofo anônimo cuja experiência da vida se alimenta em uma tradição milenar.

O outro ângulo apresenta-se com a Hascalá (Ilustração) e um de seus frutos, o judeu ocidentalizado e intelectualizado, isolado de seu grupo ou sobrepassando-o. Colocado em uma situação limite, impossibilitado de superar a ambigüidade de sua condição de adventício, desforra-se de si próprio, dos seus e de outrem, na sátira mordaz, irreverente, nervosa e arrasadora ou martiriza-se no humor

sombrio, masoquista, do paradoxo, do absurdo. Sente-se, e é de fato, um homem lançado ao mar.

Tal fato começa a transparecer no folclore talmúdico e medieval, embora a cerrada estrutura da comunidade nacional-religiosa nesses períodos barre com vigor o sentimento de não pertinência. Isso talvez explique o humor positivo, de fundo pedagógico e moralista que então predomina, bem como a acentuada preferência pela parábola, o aforismo, a fábula, em vez da pilhéria. Tais modos de expressão não pertencem, é claro, exclusivamente aos judeus; ao contrário, são típicos da literatura dessas épocas; mas o que importa, no caso, é o acento especial que adquirem no meio judaico.

O pleno florescimento do humor judaico, a manifestação de seu espírito, verifica-se na idade moderna e, sobretudo, contemporânea, quando o riso autocrítico e auto-enaltecido do judeu corresponde, de um lado, a um desejo de admissão e de assimilação e, de outro, a uma completa consciência de sua individualidade e diversidade como grupo. A estes dois aspectos fundamentais da vida judaica nos últimos duzentos anos, inclusive na sua feição israelense, a incisão negativa do chiste à própria custa, a evasão cômica de uma situação de fato dramática, o famoso “riso entre lágrimas”, adapta-se maravilhosamente.

Ambas as tendências repercutiram tanto na literatura judaica, como na européia. Para citar apenas os seus pontos mais elevados, lembraremos os nomes de Scholem Aleikhem, Israel Zangwill, Heine e Kafka.

Herdeiro natural – Dois irmãos viviam de “subvenções” mensais coletadas em toda parte. Um deles morreu. O sobrevivente, tomando a firme resolução de não interromper sua indústria e até de desenvolvê-la, reiniciou, na data costumeira, a sua ronda. Qual não foi sua indignação quando um dos doadores, certamente mal informado, remeteu-lhe apenas a metade da soma destinada aos dois beneficiários: “Trata-se de saber meu senhor – ganiu o *schnorer*, quem é o herdeiro de meu irmão, eu ou o senhor?!”

Falta de senso prático – Um pobre mas erudito talmudista trabalhava com grande zelo sobre o seu comentário da Bíblia. — Que falta de senso prático! — Observou o rico da cidade. — Por que não pára de escrever, com isso não chegará à parte alguma! — E se eu parar de escrever, chegarei a alguma parte? — Perguntou o sábio.

* **Jacó Guinsburg** é Professor Emérito da USP, tradutor e autor de, entre outros títulos: *Stanislávski e o teatro de arte de Moscou*; *Leoni de’Sommi*: um judeu no teatro da renascença italiana; *Diálogos sobre teatro*; *Aventuras de uma língua errante*: ensaios de literatura e teatro ídiche, de 1996.